

A Virtude da Constância

Olá, meninas! Então, nessa aula, a gente vai conversar sobre a virtude da constância ou a virtude da perseverança. Então, vamos lá!

Quando a gente começa um caminho, por exemplo, a maternidade, por exemplo, o matrimônio, o casamento, quando a gente começa uma faculdade nova, a gente sempre começa animada, a gente começa cheia de esperança, cheia de confiança, a gente faz muitos planos. Então a gente está grávida, a gente descobre a gravidez e aí a barriga começa a crescer, a gente começa a arrumar o quartinho, a gente começa a pensar como é que vai ser a carinha do bebê, a gente pega as roupas e a gente começa a fazer muitos planos e a gente deseja ser uma ótima mãe, a gente acha que a gente vai fazer tudo bem em relação ao sono, em relação à alimentação, em relação à educação, temos vários pitacos para gente dar na vida dos outros, de como que vai ser a educação, como que eu faria, como é que não sei o que lá, né?

E aí, só que muitas vezes a gente empreende bem esse caminho e no meio do caminho a gente vai começando a relaxar em algumas coisas, a gente já começa, “Ah, eu acho que não é tão fácil assim, não é assim como eu pensei.” E a gente tem que pensar o que de fato a gente estava exagerando que a gente pode ir não ser tão ferrenho assim ou que não, que a gente de fato a gente precisa perseverar que a gente precisa chegar até o fim pensando especificamente na maternidade que como já falei algumas vezes aqui nas aulas que a gente está lidando com a formação de uma pessoa, ou seja, a gente não está adestrando um animal, a gente está formando uma pessoa que tem um temperamento próprio, que tem um caráter a ser formado, que tem uma forma de ver o mundo, de lidar com o mundo, de lidar com as situações diferentes, que está numa circunstância diferente, mesmo irmãos, filhos da mesma mãe, filhos do mesmo pai, já estão, o fato de ser primeiro, segundo, terceiro filho já muda a circunstância.

Então, a gente também vai amadurecendo em alguns pontos, então isso muitas vezes a gente precisa ir ajustando determinadas coisas, tá? E a gente então vai conversar um pouquinho, o que muitas vezes faz com que a gente, olhando para a meta a gente possa diminuir um pouco a meta, não porque a gente percebeu que colocou uma meta errada, mas porque a gente começa a... “Acho que não era bem assim, eu acho que na verdade era uma... eu tava com uma visão utópica das coisas e tal”, e a gente começa, no fundo, no fundo, a não querer perseverar, ou a gente começa a achar que a gente foi contemplado com crianças muito difíceis, com

uma situação muito difícil, com uma situação familiar muito difícil, com um marido muito difícil, e isso pode justificar a nossa falta de perseverança para atingir o ideal dessa formação dessa nossa criança, tá? Falando especificamente da constância, da perseverança na maternidade. Então, vai ser sobre isso que a gente vai conversar nessa aula.

Então, a constância, ela serve para que a gente não se separe do caminho que a gente empreendeu. Ou seja, esse tudo, essa animação, essa esperança, esse desejo de ser uma boa mãe, estar presente com os nossos filhos, de educá-los bem, que a gente não fuja desse caminho por falta de virtude, né? Por falta... por descuido, digamos assim, tá? Então a constância, ela está intimamente relacionada à virtude da fidelidade, que também faz parte da virtude da fortaleza, ou seja, a constância vai inclinar o homem, ou a mulher, homem com H, a lutar até o fim, né? Sem a gente desejar.

Então, isso é muito próprio da maternidade. Ou seja, muitas vezes a gente deseja que os nossos filhos durmam bem, ou que eles comam bem, ou que eles sejam educados, ou que eles sejam... que eles tenham a capacidade, por exemplo, de não invejar os outros, de não levantar a voz, de falar direito, de estudar bem. Então, a gente tem uma meta, a gente deseja algo para os nossos filhos, só que muitas vezes a gente perde a paciência, ou seja, a gente se impacienta com a demora em receber aquele bem. Ou seja, a gente olha para aquela criança e fala, “Acho que não dá, acho que está realmente muito difícil, eu viajei, eu acho que não é possível.” No final das contas, eu vejo uma série de crianças ao meu redor e vejo que é tudo assim, e aí eu começo a achar que aquilo é o normal, né? Que aquilo já que é comum, então aquilo que é normal. Então pensar numa realidade diferente, muitas vezes, inclusive por conta de tantas coisas relacionadas à maternidade que a gente escuta por aí, a gente se coloca numa posição, “É que eu acho que eu tô querendo ser melhor que os outros, ou eu acho que eu tô querendo... enfim, criticar os outros e querendo fazer de outra forma”, né? Mas a dificuldade muitas vezes faz com que, em vez da gente olhar para pessoas que de fato estão conseguindo empreender aquilo que a gente gostaria, a gente olha para o outro lado para justificar a nossa falta de paciência em chegar àquele bem, que é um bem árduo, tá?

Então, a constância também nos ajuda a lutar até o fim sem ceder ao cansaço, sem ceder ao desânimo, sem ceder à tentação que pode muitas vezes apresentar e é sobre isso que a gente vai dizer.

Então, isso que eu dizia, a constância ela está relacionada à fidelidade. E o que é a fidelidade? A fidelidade é cumprir exatamente o que a gente prometeu, ou seja, colocar em atos as nossas palavras, os nossos desejos, os nossos grandes anseios. Então, isso é ser fiel, né? Isso é ser fiel não só no casamento, mas também na maternidade. Então, conta-se de um rei que ele estava numa batalha e ele

estava sofrendo depois de uma derrota e estava considerando abandonar essa batalha. "Bem, vou desistir, eu acho que eu não sou capaz, meu exército não é o suficiente e tal". E ele estava lá na sua tenda e começa a ver uma formiga que está tentando subir. E a formiga sobe e ela cai. Ela sobe e ela cai. Ela sobe e ela cai. Até que uma hora, de fato, a formiga consegue subir. E aí ele ficou meditando naquela realidade e pensou, "Caramba, eu acho que eu deveria fazer o mesmo, eu acho que eu não deveria desanimar, eu acho que eu deveria empreender até o fim." Juntou os exércitos e foi para o caminho da batalha e, de fato, ele venceu.

Então, é isso que a vida nos convida. A vida nos convida não só... A virtude da perseverança não é a gente ir num caminho reto até o fim, sem nunca ter perdido, mas é a gente seguir no caminho sabendo que a gente vai, muitas vezes, cair e a gente vai precisar voltar. A gente vai cair e voltar, né? Eu gosto muito de fazer uma relação da maternidade com aquela... com aquela... é... fábula da tartaruga e da lebre, né? E eu não acho que nós mães somos a lebre. Ou seja, porque nessa fábula conta-se da lebre e da tartaruga, em que a lebre, ela é muito mais rápida e ela para no meio do caminho e ela dorme e quando ela vê a tartaruga venceu a corrida. Então as pessoas falam, "Ah, nossa, a gente tem que ser como a tartaruga, devagar e sempre." Eu não acho que a gente tem que ser como a tartaruga. Eu acho que nós mães somos um pouco como a lebre. Não no sentido que a gente corre e a gente precisa parar, ajustar as coisas para depois a gente continuar a corrida. A nossa vida materna não é uma constância linear nesse sentido, né? Uma coisa que a gente vai aos poucos, fazendo todos os dias. As circunstâncias com os nossos filhos, elas mudam, né? Vocês já me ouviram dizer, criança é igual ao videogame, quando a gente acostuma, ela muda de fase, a gente precisa se reinventar de alguma forma, né? Precisa ver, "Bem, e agora nessa fase, o que eu preciso aprender? Nessa agora, o que eu preciso... Que meta que eu preciso colocar para os meus filhos", né? Então, a gente vai e corre um pouquinho, daqui a pouco a gente para, e daqui a pouco a gente dá um estirão maior, né? Nesse sentido.

Então, a fidelidade, ela tem, portanto, um aspecto dinâmico, né? Que é dinâmico como a existência humana. A existência humana ela é sujeita a mudanças e a maternidade é propriamente assim, o matrimônio ele é propriamente assim, ou seja, quando as pessoas falam, "Ah eu casei com meu marido e agora dez anos depois eu estou casada com outra pessoa, eu não reconheço mais." Está mesmo, você está casada com outra pessoa e é necessariamente ser assim porque os seres humanos eles mudam eles obviamente podem mudar para melhor, podem mudar para pior. Então, a gente ter, fazer um compromisso com alguém, tanto com o nosso marido, quanto com os nossos filhos, não levando em consideração as mudanças que vão existir, ou seja, os nossos filhos, eles podem sim tomar e escolher o caminho que a gente os ensinou, mas pode ser que não.

Pode ser que os nossos filhos, a gente, na hora que a gente está grávida e tal, a gente pensa, “Ah, eles vão ter saúde, eles vão isso e tal”, e no meio do caminho a gente pode descobrir uma doença rara, no meio do caminho a gente pode descobrir uma doença motora, a gente pode descobrir uma doença psíquica, isso vai fazer com que a nossa maternidade não seja mais o que a gente espera que seja? Não, a fidelidade nos convida a nos reinventar.

Olhando diante das mudanças que são próprias da existência humana, e é propriamente isso que escreve a história humana, a biografia de cada uma das pessoas, e que é a substância da vida de cada um de nós, a fidelidade ela está aí justamente porque é ela que a gente, é uma força que a gente conquista, ou seja, a gente vai conquistando o tempo, a gente vai conquistando o amor através da fidelidade, ou seja, através de colocar concretamente aquele amor primeiro que a gente pensou, tudo isso que a gente vislumbrou.

Então é normal que quando a gente empreenda um matrimônio, empreenda uma maternidade, a gente não tenha completamente noção de tudo aquilo que nos espera. É normal, porque isso é próprio da existência humana. Quando eu faço um compromisso, assumo uma responsabilidade, eu não sei o que a vida vai me requerer. Mas quando a vida me requer alguma coisa difícil, a minha postura não tem que ser de fugir. A minha postura tem que ser agora eu serei fiel nessa nova situação, certo? Então, a fidelidade nos convida a viver desse modo criativo, porque o amor é criativo, né? O amor, ele tem essa capacidade de se reinventar, de se recriar. E a fidelidade, portanto, ela é essa perfeição no amor. Ou seja, a gente vai sendo fiel a cada dia, a cada nova circunstância, e a fidelidade está totalmente relacionada com a perseverança, com a constância, ou seja, todos os dias eu vou acordar e eu vou querer novamente aquele compromisso assumido que eu fiz lá atrás, né? Então quando se diz “Sim” pela primeira vez, quando a gente diz “Sim” no altar, quando a gente diz “Sim” para poder ter um filho e a gente vê um positivo ali, a gente deseja dar-se de todo. A gente deseja o para sempre. Eu serei para sempre esposa daquela pessoa. Eu serei para sempre mãe daquela criança. Eu não tenho mais, mesmo que por alguma coisa, algum motivo eu me separe, eu sempre serei e farei parte da vida dessa pessoa, digamos assim.

Então, não basta a nossa empolgação de início. A fidelidade, ela nos exige um amor sempre novo, né? A fidelidade faz com que a gente não fique à mercê dos nossos bons sentimentos. Porque os bons sentimentos, eles vêm e vão. Na maternidade, isso é muito verdade. Então, quando a gente está com um bebezinho pequeno, que ele está acordando de madrugada, os meus sentimentos, eles não são congruentes com a minha cabeça. Ou seja, o que eu gostaria? Eu gostaria de dormir, eu gostaria de descansar, eu gostaria de estar mais tranquila, de almoçar com calma, eu gostaria de conseguir ir ao banheiro tranquilamente, mas eu tenho uma solicitação sendo feita de alguém que depende de mim, então os meus

sentimentos eles não são congruentes com a minha cabeça e não há um problema nisso, isso é passageiro, as crianças elas vão crescer e em outros momentos da vida delas elas vão ter outras solicitações, outras preocupações. Preocupações com estudo, preocupação com novas amizades, preocupação com o início de namoro, por exemplo. E isso não pode nos tirar do nosso compromisso assumido lá no início. De dizer, “Ah, quer saber? Vai ser do jeito que é. Vai saber? Essa criança chora demais, essa criança tá me irritando, eu odeio a maternidade.” Não, não pode ser assim.

Então a fidelidade ela não nos deixa à mercê de bons sentimentos, a fidelidade não nos deixa à mercê de circunstâncias favoráveis. Então a gente vive a maternidade ao longo da nossa vida... o meu filho mais velho tem treze anos, as minhas circunstâncias de vida já mudaram inúmeras vezes. No meu casamento, na nossa circunstância financeira, na minha circunstância espiritual, por exemplo, as coisas vão mudando e a minha maternidade, ela vai se ajustando a essas novas realidades, né? Então, não significa que eu estou com uma circunstância mais difícil, que eu não sou chamada a ser a mãe que eu preciso ser da melhor forma naquele momento, entende?

E a gente também não fica à mercê das facilidades, que muitas vezes são momentâneas, né? Muitas vezes a gente tem ajuda, muitas vezes a gente tem a nossa mãe por perto, mas em outros momentos a gente não tem, e a gente precisa exercer a nossa maternidade com a mesma fidelidade daquele sim prometido lá no início, quando a gente viu o nosso positivo. A perseverança nos compromissos assumidos nos coloca à prova e amadurece o nosso amor em relação aos nossos filhos.

Então, esse fenômeno que está acontecendo hoje de querer fugir da responsabilidade materna, isso faz com que a gente não consiga amadurecer no amor. As pessoas ficam brigando com a cabeça e com o sentimento, como se essas coisas fossem coisas antagônicas e como se essas circunstâncias, esses dois aspectos não pudessem viver em consonância e estar tudo bem. Isso é assim, a maternidade é assim, o matrimônio é assim, a vida humana é assim. Então fazer as coisas sempre como se estivesse tudo bem, que a gente não tivesse problema, então, “Eu preciso de uma rede de apoio, eu preciso da minha mãe, eu preciso ter uma condição financeira, eu preciso que tá tudo bem no meu casamento, só para que então eu consiga viver bem a minha maternidade”, isso está muito errado, né? Então a gente tem que ser fiel dentro das nossas circunstâncias. Em alguns momentos será mais fácil, em outros momentos será mais difícil, né?

Então quanto mais dificuldade a gente encontra, mais amor a gente precisa colocar na nossa perseverança, né? Então, a perseverança no caminho que a gente empreendeu, dia após dia, sem desfalecer, ela é própria, né? Permanecer nesse caminho é próprio da perseverança, né? Permanecer dia após dia, sem desfalecer,

olhando de frente tudo o que a vida me coloca de contrariedades, de mais dificuldades, de facilidade. Então, o que ao homem, ao homem não, sexo masculino, ao ser humano, custa mais, não é fazer coisas difíceis pontualmente, mas é ter uma continuidade prolongada nos atos. E é por isso que muitas vezes a maternidade é difícil. Então a maternidade é algo que eu assumo quando eu estou grávida e que ela vai se manter por anos. Eu serei mãe daquele menino, daquela menina para sempre, com tudo o que está envolvido diante disso. E essa continuidade prolongada no tempo é a perseverança em ser a mãe que eu preciso ser em cada circunstância. Eu vou ser uma mãe quando ele é bebezinho, eu vou ser uma mãe quando ele está em idade escolar, uma mãe quando ele é adolescente, uma mãe quando ele já está casado, entende? E eu preciso ir ajustando o que a vida pede de mim para que eu consiga responder da forma mais perseverante e fiel possível, né?

Então nessa virtude, essa virtude nos leva... que a gente dure no tempo o nosso ato, nosso desejo. Então isso, a gente não deve desaninar, a gente deve ir para frente, para frente com uma certa teimosia, né? Uma teimosia de que hoje eu vou de novo, e eu vou de novo. Hoje eu vou ajudar o meu filho de novo a dormir, hoje eu vou ajudar de novo o meu filho a vencer esse medo, hoje eu vou ajudar o meu filho de novo a fazer a cama, de novo a estudar bem, de novo a tentar lidar com as circunstâncias difíceis na escola, né? Então é isso, essa teimosia amorosa de “Ah, não vou existir, então ah, vou terceirizar isso para outra pessoa”, né? Então a constância ela vai trazer solidez para a nossa maternidade, entende?

Então, quais são os obstáculos que a gente encontra para que a gente não consiga ser perseverante, né? Então, o maior obstáculo para a perseverança é a soberba, né? Então, a soberba, ela acaba obscurecendo o fundamento da fidelidade, ou seja, quando a gente começa a deixar que a soberba cresça em nós, a gente começa a achar que a fidelidade não é tão importante assim. A gente começa a colocar um, “Ah, mas é que... mas então é que não dá, mas é que na minha circunstância, do meu jeito, com meu marido, com esse filho, não vai dar.” Então a soberba, ela nos faz achar que a gente não precisa aprender, por exemplo. Que, “Ah não, quer saber, eu não preciso aprender, a minha mãe me educou desse jeito e eu não preciso que ninguém me ensine a fazer de forma diferente, sabe? Minha mãe nunca pensou nisso, nunca pensou em educação, nunca pensou em nada e eu tô aqui, ótimo, eu não tenho problema nenhum.” Então é isso, a gente não consegue perceber que de fato talvez a gente esteja indo por um caminho que não tá muito legal, e a gente precisa aprender com pessoas que já pensaram sobre determinadas circunstâncias, sobre o casamento, sobre a maternidade, por exemplo.

A soberba nos faz ficar impressionadas e entristecidas com os nossos erros, ou seja, quando a gente vê que o nosso filho não está dormindo bem, quando a

gente vê que o nosso filho não está conseguindo comer, quando a gente vê que o nosso filho adolescente está com algum problema em relação às amizades, a gente fica, “Ai, meu Deus, por onde eu errei? O que eu fiz de errado? Caramba, o que eu estou fazendo de errado? Tá vendo? Eu fui contemplada com a criança mais difícil, com as circunstâncias mais difíceis, mas sabe o que é também? É porque o meu marido também não me ajuda, sabe? Olha, mas também a minha mãe...” a gente começa a colocar a culpa nos outros, né? E a gente se afunda nessa tristeza, a gente se afunda no nosso erro, a gente não consegue perceber, “Calma aí, é, de fato eu errei aqui, mas isso precisa ser ajustado e tá tudo bem”, né?

Então é isso que eu falava. A perseverança, ela não é uma coisa linear, né? A nossa maternidade não é linear, a gente precisa ajustar uma e outra vez. Às vezes, a gente dá uma cambaleada, tipo, “Ai, caramba, eu preciso reajustar isso”, né? Então, tipo, “Ah, eu sei que a leitura em voz alta é importante, mas, caramba, eu tô com tanta coisa para fazer e não sei o quê...” e aí a gente vai deixando um pouco de lado, e aí alguém nos lembra. A leitura em voz alta, a leitura em voz alta, e aí você, “Tá bom, vou colocar um horário aqui e fazer leitura em voz alta”, né? E não olhar e falar assim, “Ai, também... não fiz leitura em voz alta, também não é tão importante assim, mas é que a minha circunstância, mas é que também o que acontece, que a pessoa também tem ajuda, por isso que ela consegue”, sabe? A gente vai se enrolando com essas histórias, né?

Então, outra coisa que a soberba nos faz é justamente isso, a gente acaba achando que se alguém consegue fazer diferente do que eu tô fazendo, ou seja, se alguém consegue que os filhos durmam, que os filhos comam, que eles não peçam um brinquedo numa loja de brinquedo, que eles sejam pessoas educadas, que gostem de estudar, que eles tenham bons amigos, se alguém consegue a gente pensa que “Acontece que para ela é muito mais fácil, para ela é muito mais fácil porque o marido não sei o quê... Para ela é muito mais fácil porque ela tem ajuda, para ela é muito mais fácil porque *tananã*”, e a gente vai começando a justificar. Ou então a gente faz o seguinte, a gente imagina que a pessoa que diz que consegue, ela na verdade não está contando toda a verdade, ela não está contando toda a verdade sobre a maternidade dela, ou seja, ela está escondendo alguma coisa, ela está querendo fazer um tipo, ela está querendo mostrar uma coisa que não é verdade, né? Ela na verdade não está querendo mostrar todas as birras que os filhos fazem ou o caos que é viver com tantas crianças ou algo do tipo, né?

Então isso é próprio da soberba, a gente imaginar que se uma pessoa não consegue, ou justifico que a verdade é que a vida dela é mais fácil, ou então eu justifico que na verdade aquilo é falso, né? E isso é uma coisa muito ruim, né? Que é de fato uma soberba dentro de nós, né? De que se eu não estou conseguindo, ninguém pode conseguir, né? Em que às vezes, muitas vezes a gente não está

colocando os meios adequados porque a gente não quis procurar informação, por exemplo, né?

Outra coisa que a soberba faz é não querer ver, bom, desculpa, não, não, querer ver as tragédias alheias para afagar as nossas tragédias, que é o que tá acontecendo na internet hoje, né? Então é um monte de mulher falando mal da maternidade, querendo expor as tragédias da sua maternidade para que todas elas se afoguem na sua própria tragédia, ou seja, “Tá vendo? A minha vida é assim, a maternidade é um inferno, a maternidade é um horror.” E aí todo mundo fica falando sobre isso para todo mundo ficar tranquilo naquilo, tá vendo? Esse é o normal. Quem não fala sobre isso está querendo esconder algo ou está fingindo ser algo que não é, ou enfim, tem alguma facilidade específica, ou nasceu, teve filhos específicos que facilitam que ela viva assim, né?

Outra coisa que a soberba traz é achar que eu mereço muito mais do que eu tenho e que o mundo não me dá é isso, “Eu recebi os piores filhos ou eu sou infeliz por cuidar deles se eu tivesse dinheiro se eu tivesse uma ajuda, se eu tivesse uma pessoa que me ajudasse em casa ou se eu tivesse um bom marido”, né? Ou então “Eu sou infeliz porque eu tenho que gastar tempo com eles. Olha lá, fulana tá trabalhando, tá ganhando dinheiro, fulana tá não sei o quê...” E aí, isso tudo começa a minar um pouco, né? Eu tenho que gastar o meu sono, gastar o meu tempo, gastar o meu humor. Quando eu falo assim parece absurdo, mas é justamente isso que as pessoas reclamam na maternidade. Reclamam de acordar de madrugada, de atender filho doente, de gastar o tempo que precisam para poder dá-los atenção, né? E gastar tempo com isso, né? Então, é isso, a perseverança nos faz olhar para esses obstáculos e falar, calma aí, eu preciso conseguir ver se de fato tem uma outra coisa para fazer.

E mais do que isso, saber que o resultado na educação dos nossos filhos não se dá assim. Às vezes eu nunca fiz nada e gostaria que eles fossem diferentes. Ou às vezes eu estou fazendo tudo errado e gostaria que eles fossem diferentes. Ou às vezes eu não estou vivendo virtuosamente porque me custa muito. Por exemplo, “Eu sei que eu não poderia deixá-los vendo televisão o dia inteiro. Mas sabe o que acontece? Eu preciso trabalhar, preciso cuidar da casa, eu preciso não sei o que lá... então eu vou deixar.” E aí as crianças ficam super agitadas, não conseguem comer, não sei que lá e aí a pessoa começa a falar “Mas é porque não dá. É que a minha circunstância é assim.”

Então assim, a educação exige de nós uma fortaleza então se eu percebo que eu não posso deixar os meus filhos na frente da televisão ainda que isso me custe mais porque vai ter que me custar mais um tempo mais criança falando criança desenhando uma casa um pouco mais confusa, eu vejo que isso é um bem. Então a perseverança me faz fazer, ser fiel naquilo que eu me comprometi. Eu não me comprometi a educá-lo da melhor maneira, que é isso que a maternidade chama

de mim? Então, quando eu vejo que algo, eu vou precisar acordar tantas e tantas vezes, eu vou ter que tirar a chupeta, eu vou ter que ficar sendo firme em oferecer um legume, fazer um prato e a criança não comer. É isso que a maternidade é. Ou então ensinar, fazer um dever de casa. Não basta falar, “Vai estudar”, mas tem que ficar ali do lado todos os dias, ensiná-lo a ler, ficar todos os dias fazendo um pouquinho de leitura em voz alta. “Lê em voz alta e deixa a mãe escutar como é que você está lendo”, entende? Então a maternidade chama essas coisas, mas essas coisas dão muito trabalho. É isso que é a perseverança, todos os dias, não só uma vez, mas sempre, né?

Então, outro obstáculo para a perseverança é o próprio ambiente, ou seja, a conduta de pessoas que poderiam ser um exemplo para nós e acabam não sendo. E aquelas pessoas dão a entender que a fidelidade, aquilo que a gente precisa fazer, é um valor pouco importante. É exatamente o que a gente falava de pessoas que saem falando mal da maternidade e saem dizendo o quanto a maternidade é insuportável, é pavorosa, né? E aí eu olho para isso e falo “Ai, é mesmo, sabe? É muito ruim mesmo.” E eu acabo me contaminando com isso, e eu começo a não fazer aquilo que é devido fazer, porque eu faço reclamando, porque eu faço irritada, porque eu faço querendo sair daquela situação. Então, eu não estou sendo constante, eu não estou sendo perseverante, eu não estou sendo fiel. Ou seja, as pessoas acabam justificando, como elas não fazem o que lhes cabe na maternidade, elas justificam as suas ações abominando a maternidade e as suas pequenas coisas, as suas pequenas exigências, né?

Então com isso, eu diminuo a minha exigência materna, né? Porque eu falo, “Hum, o pessoal que tá chamando a maternidade é muito exigente, exige demais de mim, porque eu ainda tenho que ser mãe, eu ainda tenho que trabalhar, eu ainda tenho que ser esposa, eu ainda tenho que... Nossa, isso é demais para uma mulher”, né? Enquanto os homens também têm uma série de outras coisas para fazer, mas aqui, falando especificamente da maternidade. Então a gente diminui a nossa exigência. A gente abandona o nosso compromisso, revestido de bondade. É ou não é o que está acontecendo hoje? As pessoas revestem de bondade. “Não, mas é porque a mulher precisa de uma rede de apoio, ela precisa disso, como ela vai fazer tudo sozinha?” Não tô dizendo que não precisa de rede de apoio, entende? Mas é como aquilo bate no coração das pessoas, entende?

Então, assim, “Se eu terceirizar, se eu também colocar numa babá, se eu deixar que uma psicóloga faça por mim, é melhor, né? Porque no final das contas eu tô colocando uma pessoa especializada para cuidar dessa criança”, né? Quantas e quantas mães a gente não vê assim, né? O excesso de preocupação com a gente mesmo, o excesso de preocupação com o meu tempo. Quantas pessoas perguntam isso no meu Instagram todos os dias. “Você não fica chateada por não ter um tempo para você? Meu Deus do céu!” E quando você fala assim, “Não, não, tô bem assim.”

E vocês, “Não, não é possível, claro que não, ela tá tentando acertar uma virtude que não é verdadeira, não é possível”, né? Então, e aí é isso, esse revestimento de bondade é, “Mas a gente precisa ter um tempo para mim, né? Porque se eu não tiver um tempo para mim, como é que eu vou cuidar bem dos outros?” Isso é, olha, é meio complicado, né? Porque isso, esse revestimento de bondade, mas no fim isso pode ser uma fuga daquilo que eu preciso fazer. A maternidade é exigente? Não é exigente nem exigente, ela é o que é. Entende? E é isso que os nossos filhos esperam de nós.

Então, esse desânimo, esse abatimento, ele é inimigo da perseverança. Porque a gente acaba ficando pessimista. E depois a gente acaba ficando tíbio, ou seja, a gente vai ficando morno, a gente vai descuidando, a nossa vontade vai ficando fraca. A gente começa a olhar para as coisas pequenas e achar que elas não têm importância, entende? Ou seja, começam aquelas frases que a gente já escuta muitas vezes. “Eu nunca vi uma criança dormindo no quarto dos pais.” “Nunca vi uma criança usando chupeta, deixa quieto”, entendeu? É aquilo, “É a relação que a gente precisa ter com a criança, e não sei o que e tal.” “Deixa a criança usar a chupeta até seis anos de idade, por favor, vamos deixar a criança ser criança. Como você está querendo cortar esse laço materno-infantil dessa forma, você não tem coração?” É um pouco isso, esse revestimento de bondade. Ou isso, “Uma hora ele vai aprender que precisa arrumar a casa. Uma hora ele vai ter consciência, né? Uma hora ele vai ter consciência, não precisa ensinar nada, né? Ou deixa que a babá faz, deixa que a minha funcionária faz, né?” Ou isso, “Deixa fazer a birra, deixa fazer a birra porque birra é normal para criança e você ficar brigando contra a birra, você vai causar um tipo de trauma na criança”, né? Enquanto nos dá muito trabalho guiar a birra, saber o que fazer diante da birra. As crianças na birra estão clamando por uma orientação, mas é mais fácil dizer que “Deixa fazer a birra, deixa, seja compreensiva, seja compreensiva. Você que não consegue ser compreensiva e está querendo vir com uma educação tradicional que vai... não está conseguindo perceber o quanto que essa criança está clamando por algo”, sei lá o que elas falam, né? “Clamando por uma... querendo expor aquilo que ela é”, enfim, né? É isso, “Deixa comer o que ela quiser. Por que eu preciso falar para o meu filho que ele precisa comer o que ele não gosta? Cada um tem um paladar. Meu Deus do céu, mas que coisa forçada também, né? Deixa que cada um tem um paladar, cada um gosta de uma coisa.” Ou “Deixa ver televisão, eu vi televisão a minha infância inteira, não tenho problema nenhum, vocês também são muito exagerados, o importante é ter equilíbrio, ou quando crescer ele vai decidir a religião, eu não vou falar nada sobre isso, eu não vou me meter sobre isso”, olha o revestimento de bondade, entendeu?

Na verdade tá querendo tirar o cavalinho, porque dá trabalho ensinar a religião, ensinar a comer, tirar da televisão, fazer dormir na própria cama, orientar a birra, né? Isso. “Sabe o que acontece? O meu filho tem que estudar e pronto.

Entende? Eu não tenho que ficar do lado dele, porque no final das contas eu preciso ensinar o meu filho que ele precisa ter autonomia.” Isso é verdade, mas você precisa ensinar a autonomia. E isso vai demandar você tempo. Você vai ter que estar do lado dele. Você vai ter que ensinar como é que faz para iluminar, ensinar como é que faz para estudar, como é que faz para fazer resumo, como é que faz para ele organizar o tempo dele. Isso exige de você. Isso é a perseverança que a maternidade te exige.

Ou isso, “Deixa as crianças brigarem também. Porque eu sempre briguei com o meu irmão, hoje em dia a gente se ama. Deixa, é uma forma deles ali conseguirem se resolver no mundo, que se eles não sabem se resolver aqui, não vão saber se resolver lá fora.” Outra mentira, né? A gente precisa ensinar os nossos filhos. Vocês estão brigando, estão tendo desavenças, ali há falta de virtude e você precisa ensinar como que eles vão ter que olhar para o outro, como que eles vão lidar com a sua ira, com a sua irritação, né? Com o seu egoísmo. E ali você precisa agir, então não tem que deixar, você precisa orientá-los e é assim que você forma esse caráter, né?

Então, é isso, essa atualização no amor em todas as coisas. E o que, olhando as pessoas que odeiam a maternidade, que odeiam não sei o que, fazem, é exatamente isso. Torna a vontade fraca, essa tibieza, porque começa “Ah, também é realmente muito difícil. Eu sou uma coitada, entendeu? Eu não tenho meu marido para me ajudar, ou eu não tenho uma rede de apoio”, sabe? Então, o segredo é isso, começar as coisas é fácil, começar um casamento é fácil, começar uma maternidade com um lindo quartinho de maternidade, isso é fácil. Agora, perseverar nesse amor, atualizar esse amor é difícil.

E qual é o segredo da perseverança? O segredo da perseverança é nos apaixonarmos por aquilo que a gente precisa fazer todos os dias. A gente precisa se apaixonar por trocar uma fralda, se apaixonar pelo choro do nosso bebê, se apaixonar por um pratinho de comida que a gente cozinha, faz e ele não come, se apaixonar por acordar para amamentá-los, se apaixonar por ensinar a estudar, se apaixonar por ouvir uma leitura em voz alta e ouvir uma narração, se apaixonar por pegá-los na escola e levá-los nas suas atividades, se apaixonar para estar presente nos aniversários, para conhecer os pais dos amigos, para conhecer os amigos dos nossos filhos, se apaixonar por gastar o nosso tempo e não deixá-los na televisão, se apaixonar por estar disponíveis para os nossos filhos.

É isso, quando a gente se enamora disso, a gente é perseverante, porque as coisas diminuem o seu peso. As pessoas não são tão pesadas. Eu desejo estar ali, eu quero estar ali, eu sei qual é o papel que eu tenho, eu atualizo o meu caminho que eu empreendi lá atrás. Então perseverar é isso, é ter um amor aceso, em que eu esqueço de mim e eu vou alimentando a fogueira do amor que eu tenho para com o meu marido, de amor que eu tenho para com os meus filhos. É crescer

em humildade, ou seja, não tendo pena de nós e sabendo que eu preciso melhorar em muitas coisas. E que o que traz a dificuldade na maternidade, na maioria das vezes, é a nossa falta de virtude, é nossa falta de ordem, é a nossa falta de constância, é a nossa falta de perseverança, é a nossa falta de pontualidade, é a nossa falta de altruísmo, é a nossa falta de paciência, né? É isso que faz a maternidade difícil e é a maternidade propriamente, é o casamento propriamente que nos trarão essa virtude, então brigar com isso é loucura, né? É assim, é brigar com uma coisa que é óbvio que vai nos levar a um caminho muito ruim.

Outra coisa que nos ajuda a ser perseverante é saber que tudo que vale a pena custa. Então, educar os nossos filhos bem educados custa muito. Custa a nós todos os dias, custa a nós o nosso coração, custa o nosso tempo, custa... gasta, gasta-nos fisicamente, gasta os nossos nutrientes, gasta tudo que há em nós, né? Gasta... é isso, o que a gente tem de mais nobre, a nossa inteligência, gasta a nossa oração, né? Então é isso.

Outra coisa é querer o fim, ou seja, querer a maternidade, querer o nosso filho, mas também querer os meios, é isso que a gente falava, é enamorarmos do meio, isso muda a forma que a gente vê as coisas. É isso, não querer dizer basta. “Quer saber? Agora acabou. Eu não vou fazer mais nada. Não vou. Agora isso aí, agora quem quiser que faça.” Entende? Não, a gente não pode dizer basta. São todos os dias. Não deixar para depois. Fazer agora. Não justificar as nossas más condutas, não justificar a nossa falta de virtude, para que a gente consiga “Ah, não, é que não vai fazer, porque...” Não. É a nossa falta de virtude, né? Então, a constância, ela é uma virtude muito necessária ao longo de toda a nossa maternidade, ao longo de toda a nossa vida de casados, porque ela propriamente atualiza, como eu dizia, aquele compromisso inicial, e a gente vai ter muitos obstáculos ao longo do tempo que vai nos puxar para querer desistir, para querer o caminho mais fácil, para pegar a via mais estreita, mas em geral a via mais estreita não é a via da virtude e não é a via que vai fazer de fato os nossos filhos crescerem como eles podem na sua maior plenitude.